LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA

Fotografia em Tempos de Pandemia

Cláudio Tarouco de Azevedo
Branca Vargas Lamas
Organizadores

FOTOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Yaguarú

Rio Grande/ RS

2021

F761 Fotografia em tempos de pandemia / Cláudio Tarouco de Azevedo, Branca Vargas Lamas (organizadores) – Rio Grande : Yaguarú, 2021.
50 p. : il, ; col.

ISBN: 978-65-88288-02-3

1. Fotografia. I. Azevedo, Cláudio Tarouco de. II. Lamas, Branca Vargas.

CDU 77

CDD 770

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Bibliotecário Thiago Lopes da Silva Wyse, CRB 10/2065)

Yaguarú
Livros

Fotografia em tempos de pandemia...

Olá! Este catálogo reúne a expressão fotográfica de estudantes dos Cursos de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande – FURG neste triste período em que a humanidade sofre com a pandemia de Covid-19. Em 2020, no contexto da FURG, a Área de Artes Visuais buscou construir uma proposta pedagógica considerando a complexidade da situação e contemplando as demandas das pessoas envolvidas. O nosso projeto pedagógico emergencial foi o PP12, ofertado no segundo semestre letivo de 2020.

Os objetivos do projeto foram: 1. promover a discussão de referenciais teóricos que abordam as relações entre fotografia e arte contemporânea; 2. analisar a obra de artistas que trabalham com fotografia analógica e digital em seus processos criativos; 3. estimular microintervenções fotográficas para que estudantes pudessem construir, a partir de suas realidades, um conhecimento artístico conectado a suas demandas e a seus respectivos cotidianos.

A necessidade de oferecer um espaço educativo para pensar sobre possíveis relações entre a fotografia e a arte contemporânea justificou o projeto que contribuiu com a produção poética e pedagógica de estudantes de Artes Visuais frente à pandemia. Os encontros síncronos foram importantes para estabelecer laços afetivos que colaborassem para essa travessia coletiva; integrando saberes, experiências e arte.

Agradecemos à prof.ª Dr.ª Fabiane Pianowski (coordenadora do projeto de cultura "NAVE – Núcleo Artes Visuais em Estudo") e as bolsistas Mariana da Rocha Silva e Nyala Emilia Dahmer dos Santos, que realizaram a diagramação deste catálogo; ao Sandro Martins Costa Mendes que viabilizou a publicação deste material pelo selo da editora Yaguarú; à Cláudia Brandão e à Teresa Lenzi pelos textos de abertura; e aos estudantes que nos brindam com valores solidários e a poesia necessária para cruzar esses tempos de pandemia sanitária e política.

Em um dos encontros, contamos com a presença da professora e artista Cláudia Brandão, coordenadora do Grupo de pesquisa "Photographein: Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq)", para compartilhar a sua produção e a do grupo. Fomentamos a criação artística e pedagógica dos estudantes com a fotografia, transversalizando, assim, um pensar sobre ações conjuntas entre ensino e poéticas. Instigamos, também, relações possíveis entre as questões do olhar crítico e sensível frente aos desafios impostos pela pandemia.

A produção fotográfica aqui presente, foi motivada por meio de sentenças como: 1. registre eventos cotidianos observados a partir da sua casa e dos objetos que te acompanham durante a pandemia; 2. meu jardim... registre, experimente, envolva-se, encontre...; 3. o eu – o outro; 4. outros mundos possíveis. Trabalhamos e discutimos textos de Ailton Krenak, Fraçois Soulage, Philippe Dubois, bem como o catálogo de Bené Fonteles sobre "Poéticas na quarentena", inspiração para a nossa produção.

Os dois textos que vem a seguir são de duas artistas e professoras de fotografia que foram convidadas a compartilhar seus olhares sobre o impacto que as imagens deste catálogo foram capazes de gerar.

Desejamos que este inventário verbovisual mobilize reflexões e ações em direção à melhoria da qualidade de vida planetária, e que as pessoas sejam tocadas pela arte de produzir imagens e por seus discursos visuais constituídos de multiplicidades singulares e de valores éticos que enunciam uma perspectiva histórico-crítica frente à pandemia. Que, assim, possamos engendrar um mundo possível... mais solidário, justo e prenhe de cuidado.

Cláudio Tarouco de Azevedo[1]
Branca Lamas[2]

[1] Pós-doutor em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Professor dos Cursos de Artes Visuais – ILA/FURG. Coordena o Grupo de Pesquisa ARTƎECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosóficas (FURG/CNPq). Vice-líder do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq). claudiohifi@yahoo.com.br

[2] Bacharel em Artes Visuais. Técnica do Laboratório de Fotografia da FURG. brancalamas@furg.br

Quando a "voz" se faz imagem

Cláudia Mariza Brandão[3]

A vivência inédita de uma quarentena e do consequente afastamento social, provavelmente, seja a marca mais pregnante das sociedades contemporâneas. Fato esse que tem uma especificidade em nosso país, cuja situação similar anterior data do início do século XX, sem que também tenham sido experienciados com proximidade os impactos negativos das Grandes Guerras. Logo, a originalidade da situação exigiu adaptações em todos os âmbitos da sociedade e suas práticas cotidianas, inclusive, a familiar.

No início de 2020, acompanhando as trágicas cenas ocorridas na Itália em contraposição à vida que retornou aos poluídos canais de Veneza, eu cheguei a acreditar que finalmente teríamos uma consciência mais ampla acerca do quão nocivas podem ser as nossas interações com o planeta. Creio que algumas pessoas mudaram sua percepção sobre o assunto, embora talvez não seja em número suficiente para encaminhar grandes transformações imediatas. Porém, outras mudanças íntimas foram operadas, com certeza.

Num piscar de olhos ficamos confinados às nossas habitações, que para muitos era, até então, um lugar de passagem para o descanso noturno. Entretanto, esse passou a ser o nosso espaço cotidiano, afetando a nossa percepção sobre ele. Temos agora a expansão das afecções de um espaço físico sobre as subjetividades, uma Casa-Corpo que exacerba nossos afetos sobre ela e o viver cotidiano. E é sobre isso que versam as imagens reunidas neste catálogo.

[3] Pós-doutorado em Criação Artística Contemporânea (Universidade de Aveiro, Portugal). Professora Associada, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Líder do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq). claummattos@gmail.com

Quando Gilbert Durand (1998), ainda no século XX, se referiu a uma "civilização da imagem", não imaginava que chegaríamos a um estado de tamanho consumo de imagens como o atual. Agora, entrincheirados em nossas casas, consumimos, produzidos e divulgamos imagens o tempo todo. Compelidos ao home office, a tela dos equipamentos é o nosso canal preferencial de comunicação, efetivada através de diferentes imagens.

Sem exemplos anteriores da realidade social ora experienciada, habitamos uma que é paralela ao mundo lá fora, assaz dinâmica, efêmera e vaga, um mundo que, assim "como o dos animais que formam enxames, muito efêmeros e instáveis" (HAN, 2018, p. 30), tem uma volatilidade por demais acentuada. E um antídoto para essa situação, proposto por Byung-Chul Han, é o de substituirmos o ritmo acelerado da realidade virtual pela observação atenta, calma e respeitosa sobre os detalhes do nosso entorno.

Frente à produção obsessiva de imagens aleatórias, o que a publicação nos apresenta é o oposto. As imagens aqui reunidas são mensagens visuais comunicativas de intimidades reflexivas. Através delas encontramos tanto o outro como a nós mesmos, como uma reivindicação de subjetividades autônomas organizadoras das relações do visível em prol de manifestar suas percepções sobre uma Casa-Corpo. A relação comunicativa posta por estes textos não-verbais/visuais foi estabelecida por olhares atentos ao entorno vivencial, colocando em movimento pontos de vista sobre o real, sobre o viver intensamente a sua própria morada.

A suspensão reflexiva, o exercício da contemplação atenta aos detalhes comunicativos das ambiências, pode representar um desvelar do palimpsesto visual que se apresenta ao olhar. Ela permite melhor entender os acontecimentos, as comunicações simbólicas que se multiplicam no nosso entorno e as possíveis reverberações sobre imaginações e imaginários.

Trata-se, portanto, de refletir sobre o conjunto das imagens ajuizando o campo de trocas que se estabelece entre os espectadores e os seus produtores. A nossa participação nesse jogo perceptivo/comunicativo evidencia a análise da imagem fotográfica como um "espiar" o mundo através do olhar de outrem, também encaminhando um processo de autoconhecimento. E assim vamos ampliando a nossa percepção sobre o mundo ao redor e os impactos da realidade vigente sobre cada um de nós.

Entre vistas e olhares pandêmicos

Teresa Lenzi[4]

14 de março de 2020 / Barcelona/ES - 29 de maio de 2021 / Peñíscola/ES. Um ano e dois meses de isolamento social. Um ano e dois meses recondicionando e reinventado o cotidiano. Um ano e dois meses reformulando o corriqueiro, o já visto e revisto. Um ano e dois meses cismando e tentando exercitar preponderantemente os pensamentos otimistas. Ioga, meditação, audição musical, assistências fílmicas, leituras de livros, e contemplação. Muita contemplação, desde janelas virtuais às janelas e sacadas materiais.

Incitada pelo conjunto de fotografias concebidas a partir a proposta pedagógica - Fotografia em tempos de pandemia concebida e coordenada pelo Prof. Dr. Cláudio Tarouco (FURG) -, penso. Penso que as percepções e os cinco sentidos, neste um ano e dois meses marcados sobremaneira pela reclusão, sofreram uma supra-valoração. E que, com isso, foram de certa maneira reinventados ou realocados, e que nessa reinvenção-realocação, o ver e o rever, ocuparam lugar Premium. Já não podíamos sair e tocar uns nos outros, já não podíamos abraçar, mas, podíamos ver e ouvir. E, ver, ver, substituía os "nossos tocares". Assim, ver mais suponha mais que ouvir. Voyeurs de nossa própria existência circundada, e da existência cingida das e dos demais reinventamos também a qualidade fotográfica - impossível, de reinventar - de capturar fótons e perpetuar existências. Por todos os lados, nos mais distintos pontos do mundo fotografia e pandemia se tornaram inseparáveis e se converteram em praticamente sinônimos.

As voltas que a vida dá, diria minha mãe se aqui estivesse presente.

[4] Pós-doutorado na Universitat de Barcelona/Facultad de Historia i geografia. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos em Memória e Patrimônio (UFPel/ CNPq) e do Grupo de pesquisa INDEVOL (Dpto. de Arte. Facultad de Bellas Artes, Universidad de Castilla-La Mancha). tlenzi.lenzi@gmail.com

A fotografia, dispositivo-meio fazedor de imagens fidedignas da realidade, por sua ontologia, um meio subtrator - subtrai cores e matizes, sons e tridimensionalidade - ao mesmo tempo condensador de tudo o que subtrai ao ponto de que, ao ser observada, ser capaz de despertar no observador estas mesmas qualidades que nela não estão contidas.

A fotografia, processo-meio sugador de fótons, tem sua condição de dispositivo memorial potencializada, e por consequência, potencializadas sua condição sociocultural, sócio-afetiva, sociopolítica, socioeconômica.

A pandemia reforçou e reinventou nossos vínculos com esse meio-processo. Fotografia-espelho. Fotografia-prova. Fotografia-ficção. Tudo junto, embora nem sempre misturado, ainda que algumas vezes sim.

Com a fotografia, neste encerramento, nos tornamos todos um pouco sociólogos, arqueólogos, antropólogos, psicólogos, arquivistas.

A fotografia, nesse longo confinamento sem data de término definitivo, foi namorada, foi amante, foi amiga, foi desafeto, foi intriga, foi ativismo, foi manifesto. E foi e segue sendo mecanismo de relato do exercício que fizemos para resistir a tantas incongruências referentes a essa peste global.

Para muitos de nós, ela foi, para além de dispositivo de ver, dispositivo de Olhar. Ver, sabemos, é ato físico e qualidade de quem é vidente. De quem pode ver. Olhar, também sabemos, é muito mais que ver porque requer interpretação, valoração, e atribuição de significados e sentidos, e tudo isso é subjetivo e intrasferível. Muitos de nós vimos muito, e também olhamos muito por meio dessas incontáveis fotografias pandêmicas.

Eu, particularmente, vi, fotografei e olhei fotografias desde os primeiros dia sinais e anúncios da chegada do isolamento, um pouco por defeito profissional, outro por necessidade de sentir-me viva e conectada -, e consegui reforçar entendimentos sobre a existência.

Não tenho como afirmar se coletivamente sairemos melhores pessoas desse sórdido momento histórico, muito menos posso afirmar se, enquanto sociedade aprendemos coisas novas com a pandemia, e com as fotografias que fizemos durante esse longo período, mas, pessoalmente compreendi e aceitei que essa situação tão delicada reforçou o entendimento de que a dimensão da vida quem nos dá é a morte. E, que o Eu não significa nada sem Nós.

A fotografia em geral, e muitas fotografias em particular, nesse contexto, além de todas as já indicadas "reinvenções" que dela fizemos, colocaram em perspectiva a complementariedade de ver e olhar, e a muitos de nós permitiu compreende que além de ver, é importante sentir e entender.

Fotografemos. Vejamos. Olhemos. Reinventemos o reinventado.

Peñíscola/Es, 26 de maio de 2021.

Curadoria Coletiva*

Alessa Vaz 10

Ayumi 12

Carolina Fidelis 14

Daniel Lemos 16

Flávia Martins 18

Gabriela Soares 20

Laura B. Arrieche 22

Laura Theodosio 24

Leonardo Tavares 26

*Organização de Cláudio Tarouco de Azevedo e Branca Vargas Lamas

Curadoria Coletiva* 28
Livia Lempek 30
Natália Reis 32
Noeli Gonçalves 34
Oldacy Rossales 36
Olívia Collares 38
Rayane Bortolin 40
Sara Pena 42
Sophia Hiriart 44
Yuri Lucas

*Organização de Cláudio Tarouco de Azevedo e Branca Vargas Lamas

Alessa Vaz

Sobre transmitir, a partir da produção poética, um olhar mais sensível ao que estamos vivendo no interior. Buscando leveza na simplicidade do cotidiano e transformando os detalhes em sentimentos. São olhares que te convidam a tirar tempo para si, para a reflexão, para respirar.

Ayumi

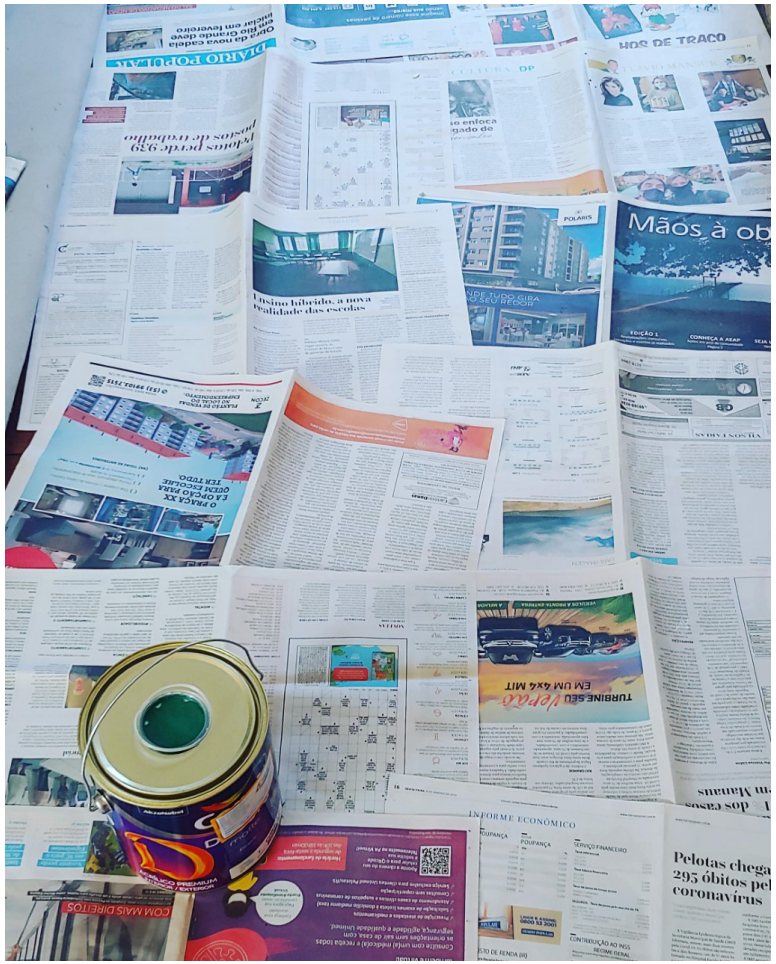
Fotografar meu lar foi um convite para abrir meu íntimo e re-observar os elementos que eu considero como lar. Me fez criar um novo olhar para o meu cotidiano, valorizar a vida em torno do meu jardim e descobrir novas poéticas dentro das coisas que me cercam.

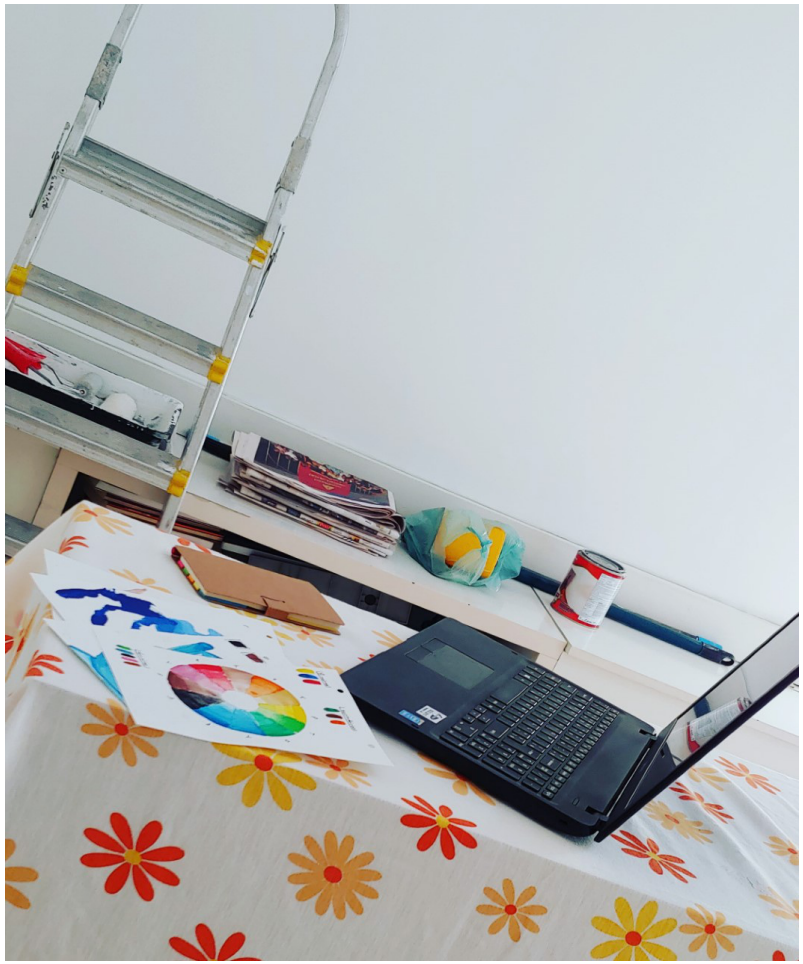
Carolina Fidelis

Este ano descobri quem eu era, quem eu sou e quem eu posso ser. Este ano descobri o que eu já quis, o que eu quero e o que eu ainda vou querer. Este ano foi do sufoco até transformação. Este ano me fez ter forças para construir uma família e lutar por ela. Este ano tirou uma companheira que voava com sua cadeira de rodas pela nossa volta. Este ano me deu a preocupação de comprar sapatinho de recém nascido e se as contas estão pagas e geladeira cheia o bastante para passar bem a semana. Este ano me fez olhar no espelho e perceber meu cabelo bagunçado e não me importar, ver olheiras extremamente grandes e não tapar, ver meus seios crescendo com estrias e pensar que é apenas mais uma transformação do corpo. De loucura a loucura, este ano está marcado no calendário de marca texto verde. Deixei até de comer brócolis, vê se pôde. Ah.. este ano..

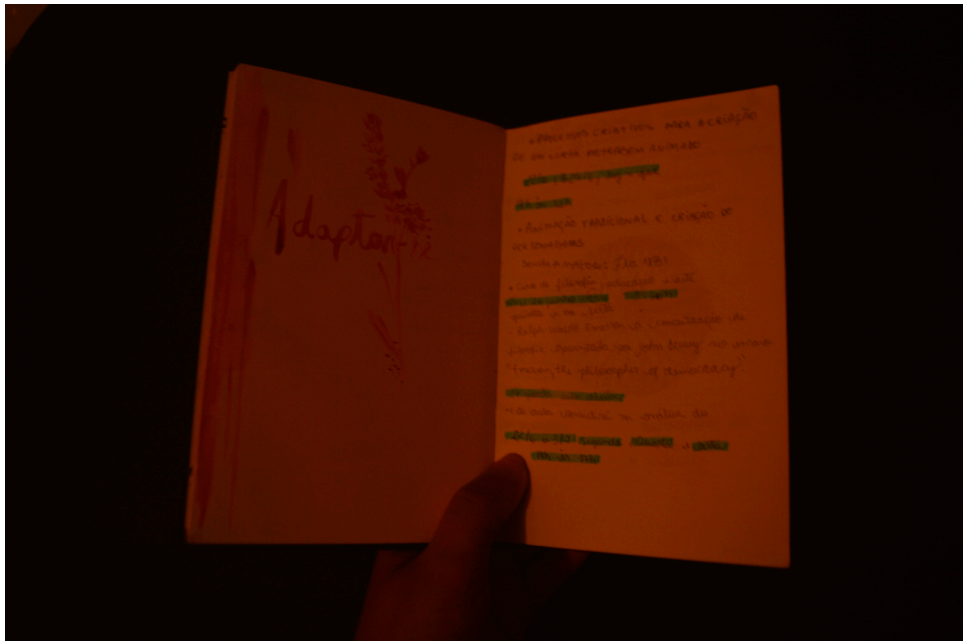
Daniel Lemos

Depois da minha situada no projeto, sobre as atividades e entrar nos trilhos da produção com o seu apoio, realmente a questão do meu dia-a-dia com as minhas diárias se tornaram um álbum fotográfico pandêmico, em plena pandemia. Como se cuidar fora de casa, buscando meu sustento? A pergunta que não é feita só para mim, mas para dezenas de pessoas que com todo o problema externo, buscamo o mínimo de dinheiro para sobreviver. Começar a olhar para cada ambiente, que por vezes me pegava em horário de aula, como já aconteceu, tendo que deixar a câmera desligada e "participar", como um ouvinte, se não chegaria no final do dia sem minha diária, pois quem paga pelo seu serviço não entende que por trás de um serviço simples, existe alguém que busca também o conhecimento vulgo (faculdade), e não ser mais um.

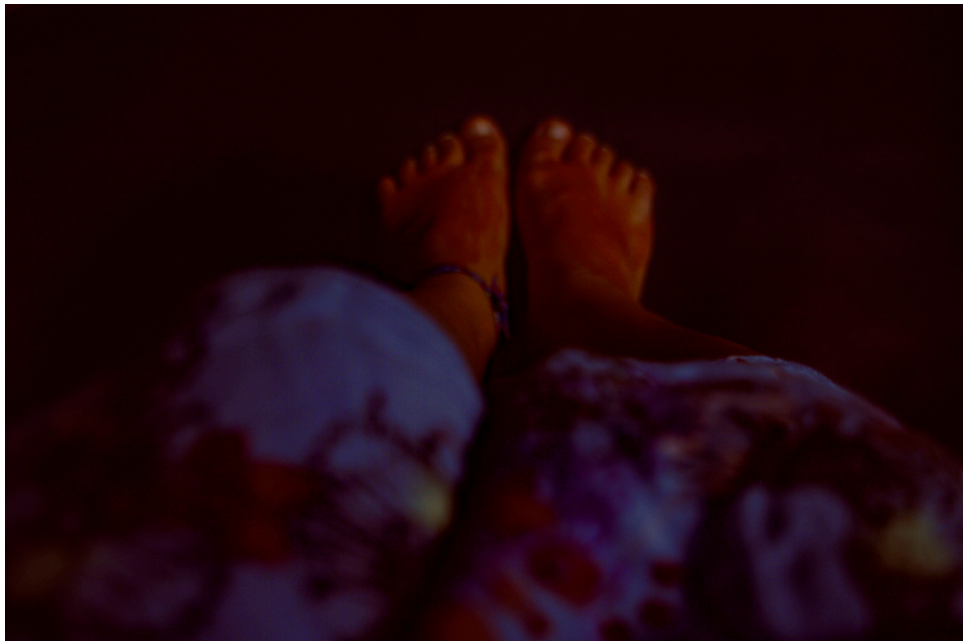




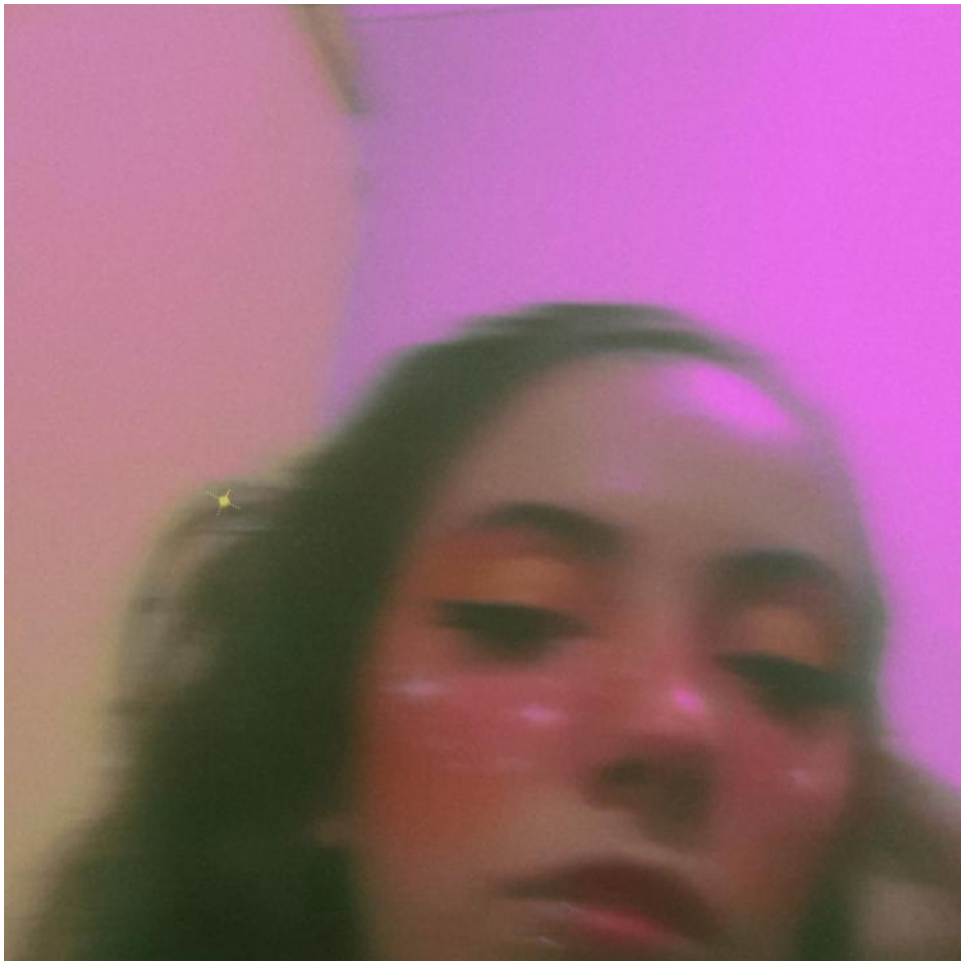
Flávia Martins



2020 - 2021 Pandemia Coronavírus, o mundo mudou. Flávia Martins Alves realiza uma série fotográfica apresentando um olhar pandêmico, com tonalidades melancólicas em vermelho escuro. As fotos refletem o cansaço, a espera e memórias de tempos tão difíceis que enfrentamos. Em meio ao caos, a fotografia valoriza os detalhes da rotina.



Gabriela Soares

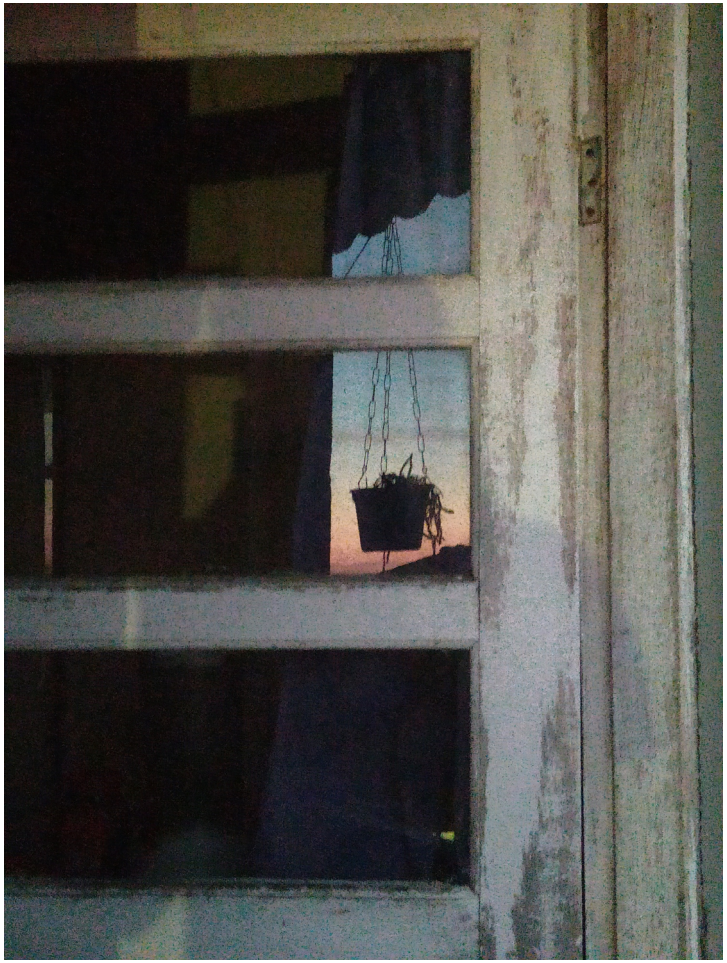


Capturas pandêmicas que representam o sensível e o reflexo, as limitações e as flexibilizações do isolamento, o auto reconhecimento. Até onde vai o olhar? Qual a janela mais próxima da alma?

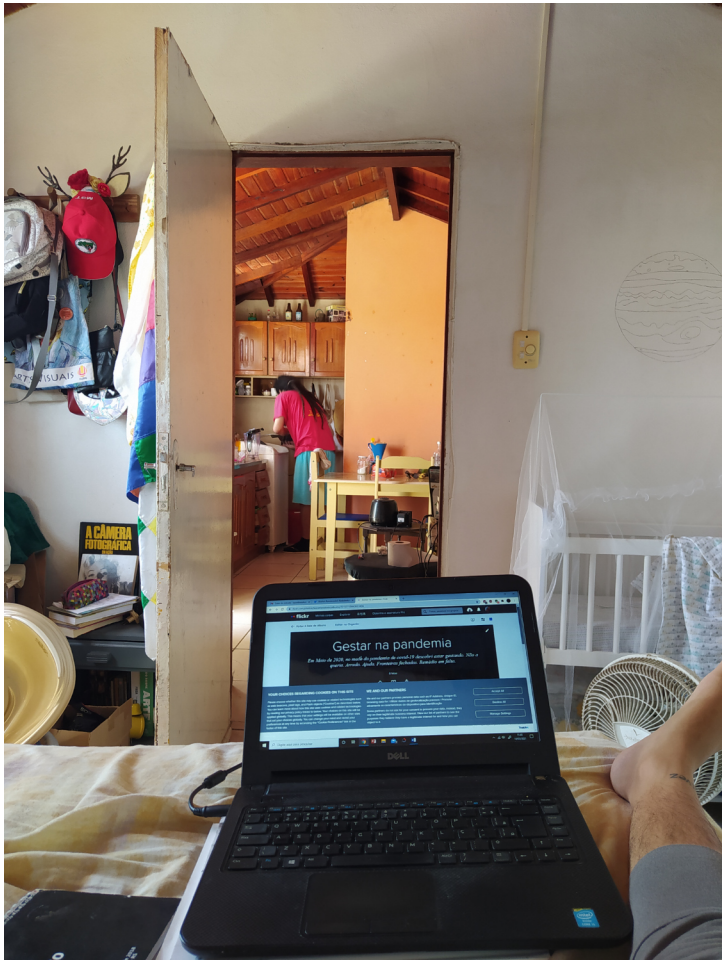
Laura B. Arrieche

Em meio ao meu processo do projeto de fotografia, fiquei presa em ideias que me fizessem repensar a casa, a paisagem nela e as novas formas de fotografar dentro da nossa realidade pandêmica. Tive que 'des-ver' o meu ambiente do cotidiano para revê-lo com outro olhar, um olhar para os detalhes, para o que já era banal, buscando com esse novo olhar a vida em minha volta, a vida que passa despercebida.

Laura Theodosio



Gestar na pandemia, projeto fotográfico de registros do tempo que contempla a chegada de Júpiter a Terra. Que no futuro possamos retomar a essas fotografias com um sentimento diferente do de agora, que parece não ter fim. Com olhos de alívio que passou e a tristeza do que foi a pandemia.



Leonardo Tavares

Minha proposta discorreu entorno de elementos presentes no meu cotidiano em meio a pandemia, durante o confinamento tirei muitas fotografias das paisagens ao redor do meu apartamento, além disso fotografei muito a luz da lua e o pôr do sol, pois tenho nesses um grande apego. Sinto que os astros me trazem uma tranquilidade, ficar observando a lua me ajudou a me manter são durante o confinamento. O autorretrato também foi meu objeto de fotografia. Por mais que eu seja muito tímido, consegui expor o meu rosto (ou parte dele) para que pudesse fazer parte da poética "O eu na pandemia".

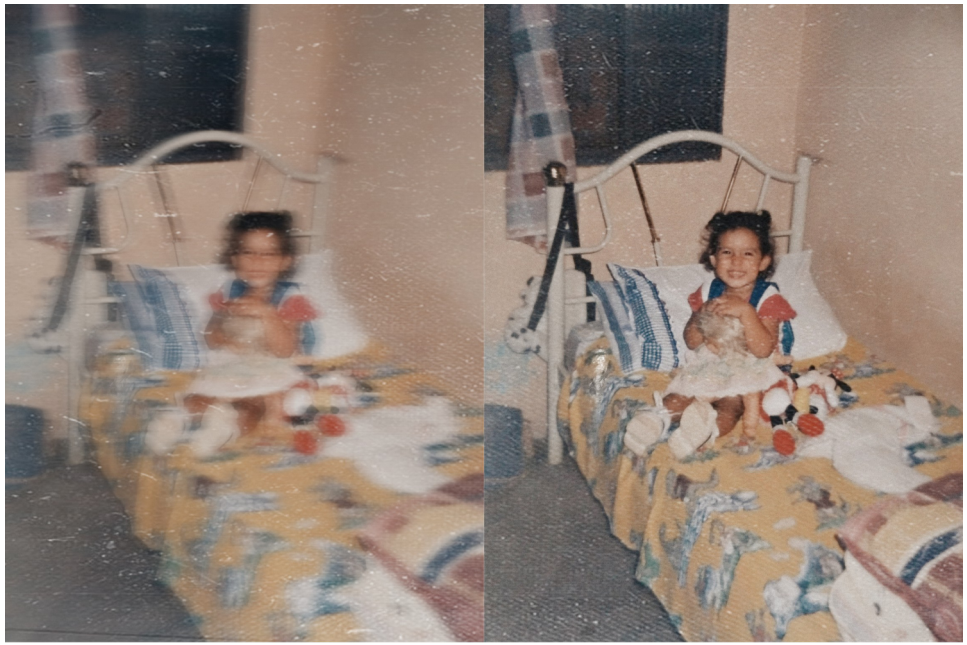
Livia Lempek

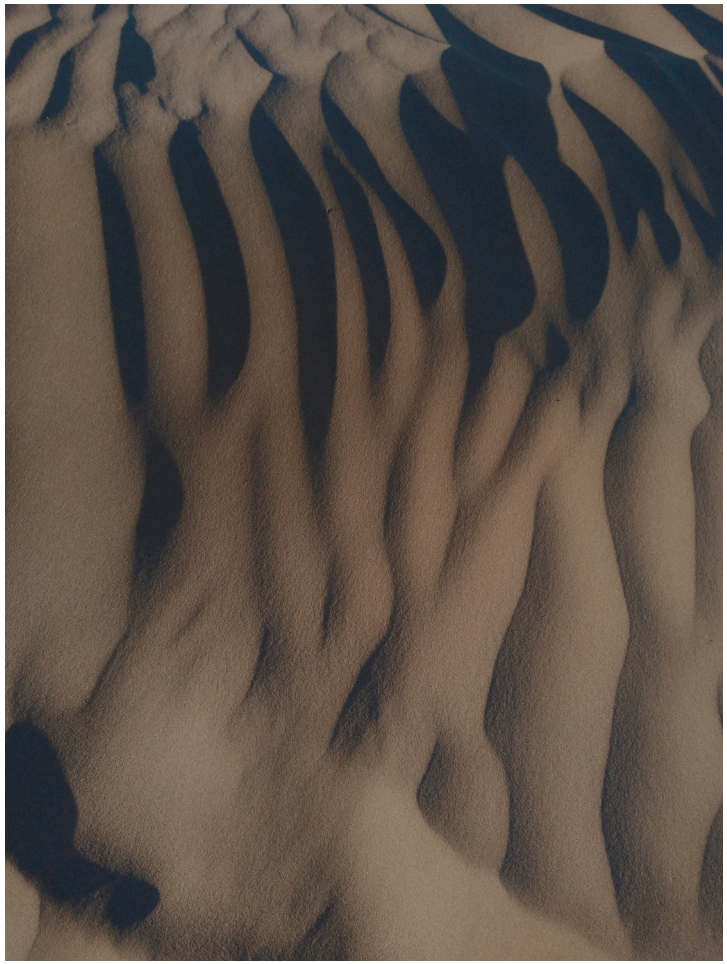
Denominada Cartões Postais (2021), a série é composta por oito montagens fotográficas digitais feitas a partir de fotografias pessoais, com costura em linha vermelha. A seleção de fotos seguiu em um fluxo de afetos. Em cada imagem há, em média, cinco a dez fotografias translúcidas e sobrepostas em colagem digital. As sobreposições, desde seus apagamentos, criam camadas de lembranças que se confundem, que se somam ao me compor. Após o processo de edição digital, as imagens foram impressas em papel fotográfico no tamanho 10x15cm. Foram identificados os pontos territoriais-geográficos em que cada foto foi capturada com o auxílio do Google Maps, criando-se rotas que ligam esses pontos.

Por fim, esses trajetos foram costurados nas imagens, unindo o percurso às memórias. Cartões postais para si mesma. Escutas do tempo. A costura como atitude de perfurar as camadas que me constituem, fazendo a linha percorrer as formas que atuam até aqui no meu performar docente. A série foi realizada a partir de uma sequência de encontros com memórias, as marcas nos meus modos de ser, lugares, afetos.

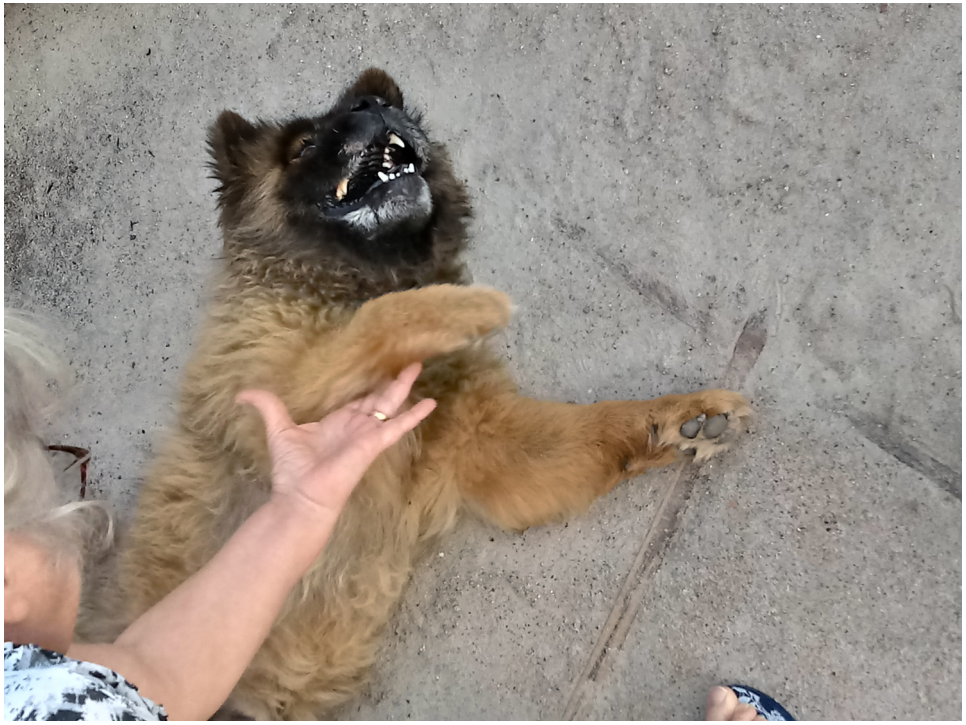
Natália Reis

Em meio ao caos da pandemia consegui me reconectar com a paixão por fotografia que precisou ser resgatada, pois havia sido negligenciada durante esse tempo pandêmico em que o maior sentimento foi a impotência. Encontrei nela uma válvula de escape, na qual procuro capturar belezas singelas do cotidiano para dissociar da realidade. As seguintes fotografias surgem no sentido de evidenciar o momento em questão, mas representam a relação do eu particular com a solidão do isolamento e a nostalgia dos tempos vividos em coletivo.





Noeli Gonçalves

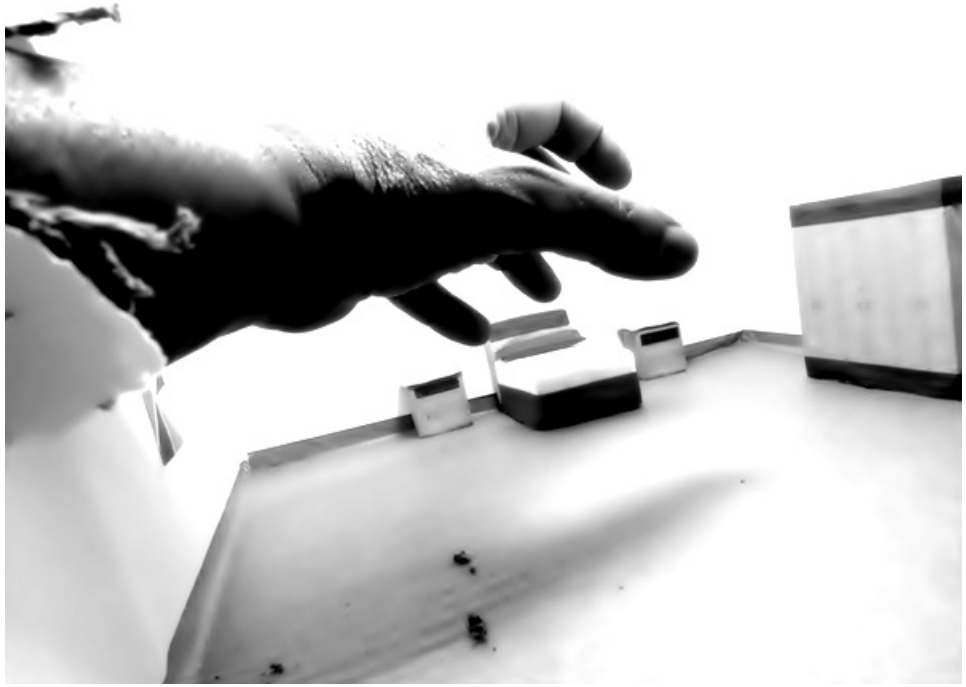


Pandemia e novos olhares:

Os momentos de isolamento vivenciados em meio à Pandemia do Corona Vírus, permitiram novos olhares junto à natureza. Assim, uma visão mais apurada do ambiente natural amenizou a dor da solidão bem como a entender que as condições adversas não impedem a beleza da vida assim descoberta: na flor solitária, na melancia exuberante, na alegria do amigo cão e no mistério do mapa da Antártida no interior do fruto kiwi.

Oldacy Rossales

Participar desse projeto, foi algo assim, inédito, ter que fotografar pensando em algo que não podemos ver, mas que apesar disso, fica evidente em cada registro o que estamos sentindo: nossos medos, nossas angústias, nossas inquietações. E a esperança de que um dia possamos lembrar de tudo, não com saudades, mas com satisfação de ter tirado o melhor desse aprendizado.



Olívia Collares

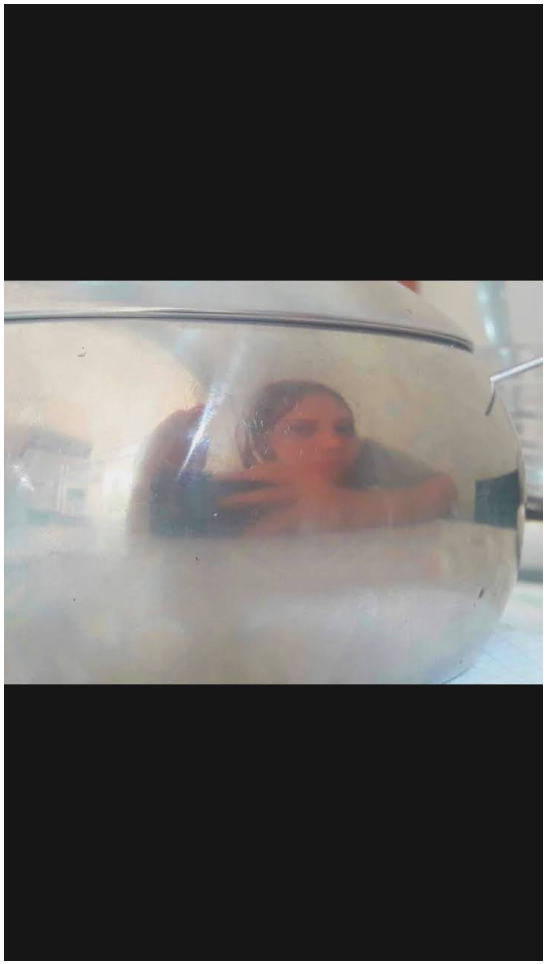
Eu colei histórias e bordei memórias pandêmicas. A narrativa é contada através da minha percepção sensível que transita entre o invisível e o concreto, entre a arte e a vida, entre o público e o privado, entre eu e meu lar. A partir de estudos afetivos dos espaços urbanos, desenvolvo a observância do meu eu, do meu entorno, da natureza e dos lugares em que habito e me faço pertencente.

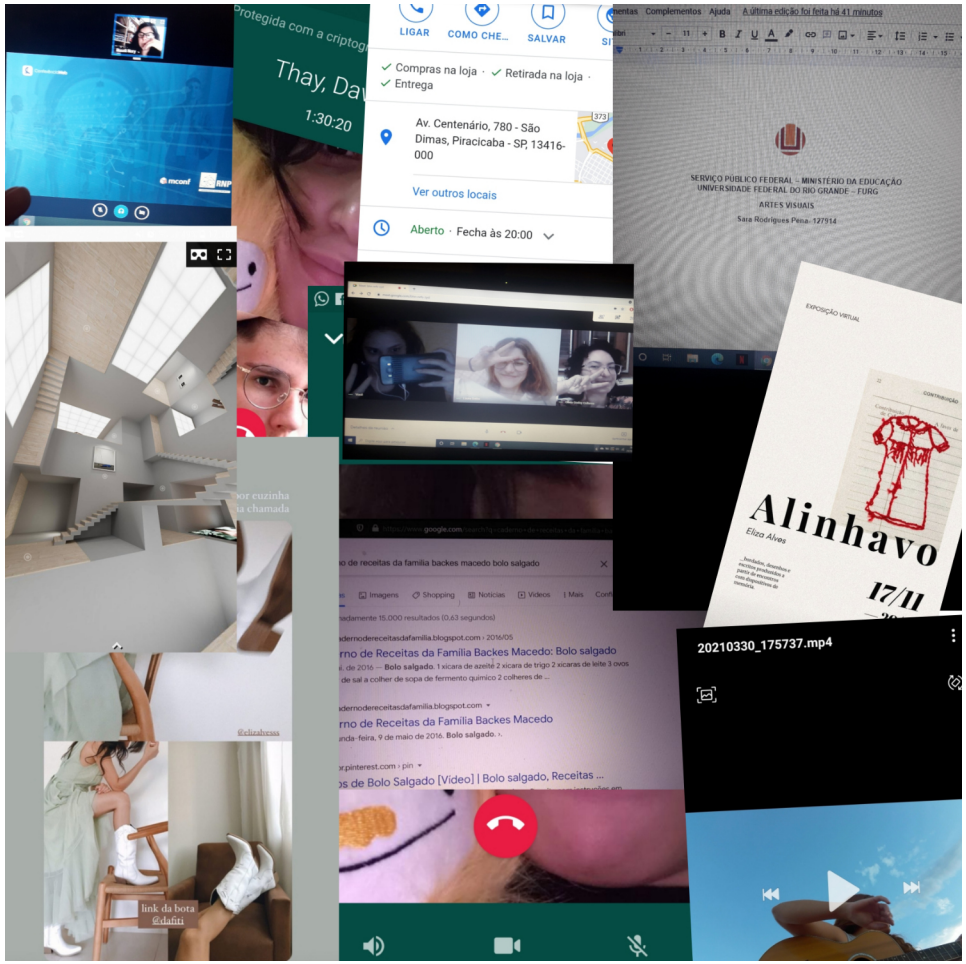
Rayane Bortolin

A fotografia possibilita ao observador uma certa relação de pertencimento e reflexão gerada pela experiência pessoal de cada um. No decorrer desse projeto, o ponto de vista melancólico e sem cor, traduz o meu momento de recolhimento e introspecção diante da COVID-19. O espaço íntimo é uma filosofia única e a linguagem do cotidiano se torna arte.

Sara Pena

A quarentena com gosto de eternidade me fez fotografar escapando do monotonismo em um cotidiano em casa. Me fez pensar em formas diferentes de viver. Vias e curvas que conseguimos encontrar quando deparamos com um imenso bloqueio.





Sophia Hiriart

Comecei a tirar fotos no início da pandemia, querendo registrar como as relações e espaços iam mudando ao longo dos meses. O registro como documento foi um eixo inicial na minha produção, mas o eixo principal é a dimensão do registro mais próximo ao meu olhar independente na situação ali exposta. Sendo meu olhar a marca e sinal do acontecimento, um rastro de que estive ali. Desde então, fico fazendo acrobacias mentais pra que meus 50 passos diários lembrem aos 19 quilômetros de antes.

Yuri Lucas

Ao longo das discussões no projeto, fomos incentivados a produção fotográfica no contexto de isolamento social. Numa tarde após chegar do mercado, com o diálogo de um dos encontros vagando pelo pensamento, coloquei algumas frutas de molho para higienização. A luz do Sol que entrava pela porta do pátio e iluminava as maçãs sobre a mesa, não demorou muito para iluminar as lentes da câmera que trouxe ao encontro de minhas mãos...

LabFoto

ILA
INSTITUTO DE
LETRAS E ARTES

NAVE
NÚCLEO
ARTES VISUAIS
EM ESTUDO

PhotoGraphein

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

ARTECOS